Cintra

RELAÇÃO

DO CASTELLO E SERRA DE CINTRA

E

DO QUE HA QUE VER EM TODA ELLA

Contem uma descripção de S. Eufemia, do Convento de N. S. da Penha, do Palacio Real, e Villa de Cintra, da quinta de Penha Verde, dos Capuchos da Serra, da Mata das Avelans, e Peninha. do Convento de S. Anna de Gigaroz, da quinta do Vinagre, Varge de Collares, Fojo, Pedra de Alvidrar, Ulgueyra, e Penha Longa

QUE OFFERECE

Á ILLUST. E EXCELLENT. SENHORA

D. MARIANNA BERNARDA DE TAVORA

FRANCISCO DE ALMEIDA JORDAM

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Bacharel formado nos sagrados Canones

---

Lisboa

Na Officina de Francisco Luiz Ameno,

IMPRESSOR DA CONGREGAÇÃO CAMERARIA DA S. IGREJA DE LISBOA

ANNO M. DCC. XLVIII

Com as licenças necessarias.

2.ª edição

COIMBRA

TYP. DE A. DUARTE AREOSA

1874

ADVERTENCIA

Este livrinho já em 1839 era de tal raridade, que o sr. visconde de Jeromenha na sua *Cintra Pinturesca,* publicada naquelle anno, diz a pag. 7 o seguinte: «.. huma descripção existia d'esta serra, escripta no anno de 1748, por Francisco d'Almeida Jordão, porém essa não a podémos ver pela sua raridade, apezar das nossas mais constantes investigações.»

Julgâmos, pois, fazer ao publico um bom serviço reimprimindo esta descripção; a qual, se não prima por galas de estylo e linguagem, se faz, todavia, recommendavel como repositorio muito interessante de noticias curiosas da pittoresca Cintra, e de seus mais celebrados monumentos.

Coimbra, Novembro de 1874.

C.

RELAÇÃO

DO

CASTELLO E SERRA DE CINTRA

Castello de Cintra

Desejando ver o castello de Cintra, pelas raridades que achei em um viajor francez, que misturando verdades com fabulas, estampou no mesmo idioma a noticia do mesmo castello, asseverando que ainda que se proposesse ao mais animoso habitante d'aquelle paiz examinal-o, se não conseguiria, como se na nossa nação não houvesse sujeitos capazes de investigar antiguidades; subi ao dito castello na companhia de tres amigos e um guia, que sabia os passos, e logares mais reconditos d'elle, que facilmente encontrei; pois é logar tão frequentado, que o mais pequeno pastor da serra é pratico d'elle.

Etymologia do nome Cintra

Deixo de escrever a sua antiguidade, porque d'ella não consta, e só direi do nome de Cintra o que vi nos autores. O padre Antonio de Carvalho da Costa no terceiro tomo da sua Corographia Portugueza, cap. 3.º, refere, que a sua fundação principiou em um templo, que os gentios dedicaram á lua, de que ainda permanecem vestigios; d'onde se infere ser povoação de gregos, quando vieram a Lisboa, e de outros povos, juntos com os Gallos Turdulos, trezentos e oito annos antes do nascimento de Christo; os quaes como adorassem a este planeta debaixo do nome Cinthia, o pozeram a esta villa, que com pouca corrupção se chama Cintra. El-rei D. Affonso de Castella a conquistou aos mouros, tornou-se a perder, e foi restaurada pelo conde D. Henrique pelos annos de 1109, e no de 1147 a reedificou el-rei D. Affonso Henriques, seu filho.

Resende em o seu livro das antiguidades de Portugal, descrevendo o monte da Lua, conclue o paragrapho com as palavras seguintes: *Ad radices montis in ipso promontorii cacumine,quo in Oceanum praecipitatur, templum olim fuit Soli, et Lunae sacrum. Cujusmodi littoraleis arenas ruinae tantum*

extant, et cippi aliquot inscripti superstitionis antiquae indices.

Unus sic habet	Hoc est
SOLI ET LUNAE	*Soli, et Lunae*
CEST. ACIDIUS	*Cestius Acidius*
PERENNIS LEG.	*Perennis Legatus*
AUG. PR, PR. PRO	*Augustalis, pro-*
VINCIAE LUSITA	*praetor provinciae*
NIAE	*Lusitaniae*

Alter autem sic

SOLI AETERNO LUNAE PRO AE
TERNITATE IMPERII, ET SALUTE
IMP. CAI.... SEPTIMI. SEVERI. AU-
G. PII. ET IMP. CAES. M. AURELI.
ANTONINI AUG. PII. . . . .
. . . . CAES.
ET JULIAE AUG. MATRIS. CAES
DRUSUS. VALER. COELIANUS VI
ATIUSI . . . . AUGUSTORUM CUMU
. . . . SUALE. . . . NI. . . . SUA ET Q.
JULIUS. SATUR. GUAL. . . ET ANTO
NIUS . . . .

Hoc est

Soli aeterno, Lunae pro aeternitate Imperii, et salute Imperatoris Cai Septimii Severi, Augusti Pii, et Imperatoris Caesaris, et Juliae Augustae Matris Caesaris, Drusus, Valerius Celianus, Augustorum sua, et Quintus Julius Saturninus, et Antonius.

Fr. Amador Arraes nos seus Dialogos,

pagina 111, columna segunda, referindo a Varro, diz, que este monte se chamava o monte Tagro, ou o monte Cynthia, ou da Lua; e é tradição vulgar, que o dia, que o sol não apparece nelle, pagam os moradores da villa de Cintra um carneiro á camara: e vem a ser o caso da tradição, que como a serra de Cintra era o Promontorio de Diana, pediu esta a seu irmão Febo lhe visitasse todos os dias a serra, e aquelle dia, que nella não apparecia, entendendo estar mal com ella, lhe sacrificava um carneiro, para que propicio a tornasse a visitar. Esta a fabula, passemos a descrever a serra.

É a serra de Cintra tão particular, que creio ser das mais raras, que ha no mundo. Faz lado opposto ao Promontorio da Lua, servindo de guia aos que navegam o mar Oceano, de que está apartada duas leguas. Compõe-se esta montanha de calháos de immensa grandeza, pois alguns tem vinte pés de diametro, e outros tem menos, amontoados uns sobre outros sem ligação, sustentados só no equilibrio, principalmente os que estão na maior eminencia da serra, onde se vêem vestigios da antiga fortificação dos Mouros, formando uma villa sufficientemente consideravel; o que se acredita pelas ruinas de cinco torres, que nella se encontram na sua circumferencia, e varias concavidades de que está minada, que é facil achal-as, quando se examina.

Para se subir a ella se vae rodeando a cêrca dos religiosos da Santissima Trindade, situada no arrabalde de Cintra, e se entra por uma porta pequena á mão direita, na primeira muralha de que está rodeado todo o castello, feito de uma argamassa mui forte, egual á que se vê em todos os vestigios de obras lavradas pelos Sarracenos.

A pouca distancia se encontra outra porta na segunda muralha do castello, que tem onze palmos e meio de altura, e é a principal, encostado á qual se acha um reducto, com tres columnas de cada lado, para a parte esquerda, e tem o comprimento de cem palmos.

Feito este exame, se encontra uma antiga ermida, que suppuz foi mesquita, a qual serviu de freguezia (depois da tomada do castello) áquella povoação, com a invocação de S. Pedro de Canna Ferrim, o que me confirmou o reverendo prior da dita egreja, o padre Antonio de Sousa; e alem d'isto consta de uma escriptura, que se conserva na dita egreja, feita na era de 1600. Na capella-mór se vê ainda um vestigio de S. Pedro pintado, o qual mal se percebe. Tem a dita ermida na capella-mór trinta e dois palmos de largo, e vinte de comprido, com um lettreiro gotico á roda, em muitas partes extincto, e ainda se conserva coberta de abobada. O corpo da dita ermida está todo descoberto, e tem quarenta e nove palmos de comprido: a porta principal fica ao poente,

e da banda do sul tem outra porta pequena, e uma janella fronteira, que tem dez palmos de altura. Alem da imagem pintada no altar mór, havia outra de pedra que ainda existe na ermida de Santa Eufemia, para onde a levaram.

A pouca distancia da ermida se acha uma fonte singular, distante das primeiras tres torres trezentos passos: entra-se para ella por uma porta pequena, que tem dois degraus, que se conduzem ao travez de um intrincado silvado, e para a parte esquerda tem outros dois degraus, que estão mettidos dentro da agua. É esta fonte coberta de abobada com tres arcos primorosamente obrados, e se acha com duas fendas arruinada, por d'onde se vêem as suas aguas, que são de um excellente sabor, tendo o comprimento de setenta e tres palmos e a largura de vinte e seis, d'onde se póde estar sem perigo, e não como affirma o dito francez no seu livro, pois assevera que a descobriu por acaso entre uns silvados; no que falta á verdade, pois a dita fonte é o primeiro objecto de quem vae ver o castello, pela eminencia em que fica, e ser o seu nascimento tão abundante, como prodigioso.

Todo o encarecimento que se disser da bondade d'esta fonte, se póde crer sem hyperbole, como tambem ser um dos melhores pedaços de antiguidade, que ha, digno de se poder admirar; e suppõe-se, que nasce nesta eminencia, não descendo, nem subindo em

tempo algum as suas aguas, e que se encaminham a todos os chafarizes do palacio real de Cintra pela sua abundancia. Está bastante entulhada de caliça, que cahiu das duas fendas da abobada; e merecia ser conservada, para que tivessem os viajantes estrangeiros que admirar, como succede aos que vêem os muros de Obidos, que tem consignação particular para a sua réedificação.

Indo para a primeira torre, se encontra uma tulha, que tem cinco palmos e meio de diametro, por onde dizem havia uma estrada encoberta, que sahia ao rio de Mouro, e que d'ella se denominára o mesmo rio; se não é (como dizem outros por tradição) o terem-se morto os ultimos Sarracenos junto das suas aguas, quando se tomou o castello pelo modo tão milagroso, que referem as historias d'esse tempo; e ainda hoje se divisa o signal de uma porta para a parte direita, por onde dizem era a dita estrada. Ao pé da primeira torre está outra quasi entulhada, e no fim da quinta torre se vê tambem outra e duas mais depois de sahir pela porta da Traição por onde os nossos valorosos portuguezes conseguiram o serem senhores do dito castello, as quaes têm communicação uma com outra, e supponho poderá haver muitas mais, que não descobri, pois nesta breve relação só escrevo o que vi.

A primeira torre se acha muito arruinada

por causa de um raio, que nella cahiu, e custa muito a sua subida, para se poder examinar. Cheguei a ella com trabalho, e fui até o mais alto por uma escada arruinada, que ainda se conserva dentro da dita torre (a que chamam da Omenagem), cuja abobada, logo quando se entra nella, está suspensa no ar: e depois de me ver dentro, considerando o perigo, a que estava exposto, me retirei logo. Á segunda, e terceira torre não subi, por me dizerem era o risco maior, e que o caminho para ellas estava impedido; e ficam em pequena distancia da primeira, sendo todas tres de admiravel fabrica, e de uma argamassa mui forte.

Para a quarta torre se sóbe por uma escada grande arruinada, que está á roda da muralha, e nella não achei cousa de mais admiração, do que das outras tres, que tenho relatado.

A quinta torre, que está antes de chegar á porta da Traição, é a mais alta, e a mais formosa. e se chamava a Torre Real, donde se punha o estandarte régio. Sobe-se para ella da mesma sorte que para a quarta, á roda da muralha, por mais de quinhentos degraus, muito arruinados, e em partes com perigo evidente, pois é necessario ir de gatinhas pelo chão para a ella se subir: tem a sua entrada por um buraco grande, que tem a dita torre defronte do Nascente, e dentro d'ella por cima do buraco está uma janella de altura de doze palmos, e defronte

um pedestal da mesma materia de que é a sua fabrica, donde se arvorava a bandeira, arruinado quasi todo; mas nos vestigios, que conserva, mostra que foi feito para este ministerio.

Distante alguns passos se vê a porta da Traição, remate do castello, que é muito pequena, e com difficuldade cabe uma pessoa por ella, a qual está para a parte do Poente, virada para a serra dos Capuchos.

Este castello duas vezes no anno é guardado pela gente do termo de Cascaes, que vem nelle assistir de noite, e fazer fogos, para signal, que estão nelle; por cujo motivo lhes é concedido o privilegio de pagarem meia jugada.

Sahindo da porta da Traição por um caminho aspero, se vae dar na primeira muralha do castello, que toda está rodeada de linhas de circumvalação, e é antiga.

Isto é o que vi do castello de Cintra tão nomeado nas historias; porém para fazer mais agradavel esta Relação, referirei as cousas mais dignas de se verem nesta serra, e visinhanças da real villa de Cintra, tão nomeada no mundo, que apenas haverá parte donde não chegue a sua fama.

Ermida de Santa Eulalia

Defronte do castello, em um monte visinho, se acha situada a ermida de Santa

Eufemia, romaria devota, assim de peregrinos, como de varios devotos, que recorrem á Santa, que pelos muitos prodigios que obra, a buscam para refugio de suas necessidades. Encostado á ermida está um vestigio de uma pégada da Santa, onde rebentou uma fonte cuja agua é muito milagrosa.

Convento de N. S. da Penha

Acha-se outro monte com uma excellente estrada, que vae ter a Nossa Senhora da Penha, hoje vulgarmente chamada da Pena, convento de religiosos de S. Jeronymo, edificado no cume de um rochedo, com todas as officinas proporcionadas á grandeza d'elle, onde actualmente moram quarenta religiosos filhos d'aquella casa, com um prior que os governa. Póde-se chamar a este convento a oitava maravilha do mundo, pela singular fabrica da sua composição, pois todo elle é fundado no pico de um penedo. A capella-mór é toda de alabastro, feita pelo mais insigne artifice d'aquelle tempo, chamado Nicoláo Francez, ao qual o Augustissimo Senhor Rey D. Manoel mandou vir de Roma, e gastou onze annos na sua fabrica. O sacrario é uma pedra inteira do mesmo alabastro lavrada com os passos da Paixão de Christo nosso Redemptor, feitos com a maior delicadeza, e primor da arte; e os mesmos religiosos, que desde a sua

creação estão no convento, cada vez que curiosamente o observam descobrem nelle prodigios, que se não podem relatar sem serem vistos. Foi edificado no anno de 1503.

Logar em que se acharam as pedras de cevar

Junto ao dito convento, em um dia de trovoada se descobriram pedras de cevar, por um inglez chamado Guilherme Dugue, que na companhia de Ignacio de Oliveira veiu investigar as ditas antiguidades, e as achou por meio de uma bussola, que é um instrumento mathematico, composto de um semicirculo com uma agulha nautica; e acharam tres das ditas pedras, e se poderam descortinar muitas entre aquelles penedos, se todos fossem tão curiosos como o dito inglez, que é um dos mais conspicuos antiquarios que se acham no reino de Portugal, e assiste em casa de Alexandre de Gusmão; as quaes deu ao Principe do Brasil, nosso Senhor, que festejou este descobrimento.

Convento da Santissima Trindade do arrabalde de Cintra

O convento da Santissima Trindade do arrabalde de Cintra é fundado em um sitio aprasivel, e muito ameno. Não se acha no

seu cartorio o anno da sua fundação; porém dizem, que vindo o Senhor Rei D. João o 1 ver este sitio, achou nelle a Frey Alvaro de Castro, que na companhia de outro religioso assistia em umas covas, donde hoje é a cerca, tendo ao pé uma ermida de Santo Amaro; e vendo o solitario do sitio, e a incommodidade, com que viviam, lhes ordenou fizessem um convento, para o que concorreu muito.

Principiou-se a fundar pelo dito senhor no anno de 1410, e depois se edificou de novo pelo padre fr. Bautista, que então era Provincial, no anno de 1527, e é o terceiro convento, que teve a Provincia em Portugal: assim o diz a 3.ª parte da Chorographia Portugueza, capitulo 3, numero 83, que no seu archivo não ha memoria alguma por onde conste, como já fica dito.

A egreja é de Nossa Senhora dos Remedios, que é o orago da casa, e está collocada no altar-mór, tendo da parte do Evangelho S. João da Matta, e da parte da Epistola S. Felix de Valois, ambos fundadores da dita Religião. Na mesma capella-mór, da parte do Evangelho, está um letreiro na parede, esculpido em uma pedra, que diz o seguinte:

ESTA CAPELLA MANDOU FAZER O DOUTOR JORGE GONÇALVES RIBEIRO INQUISIDOR APOSTOLICO, QUE FOY NA CIDADE DE LISBOA, E SEUS DESTRITOS TRINTA E OITO ANNOS, E CONEGO NA SÉ DE LISBOA, ABBADE DE SAM

MIGUEL DE PERA, BISPADO DE LAMEGO, E DEZEMBARGADOR DA CASA DA SUPPLICAÇAM: DIZEM NELLA OS PADRES MISSA QUOTIDIANA POR SUA ALMA, E DO CONEGO ANDRÉ GONÇALVES RIBEIRO SEU SOBRINHO. FALLECEO AOS IX FEVEREIRO DE M.D.LXXXIX.

Tem mais dois altares, no da parte do Evangelho está o Santissimo Sacramento, e as imagens de Nossa Senhora invocada da Ave Maria, o Menino Jesus vestido com habito Trino, São Joseph, Santo Antonio e Santo Aleixo; e no da parte da Epistola tambem se vêem expostas Nossa Senhora do Rosario, uma reliquia de Santo Amaro em uma perna de prata, e a Virgem Santa Martha.

Este convento foi reedificado antes do senhor Rei D. Sebastião, de saudosa memoria, ir para a Africa, e lhe fez doação da cerca, que era uma matta, a que assistiu fr. Paulo de Moraes em nome do dito mosteiro: lavrou-se a escriptura no paço dos Taballiaens de Lisboa aos dois de Maio de 1582, como consta da mesma escriptura, que eu vi no seu cartorio. A dita cerca se ennobrece, não só com varias arvores silvestres, que a ornam, como tambem com um lago, que está nella, donde se vem despenhando a agua por um penedo para um tanque, em que se recolhe, que parece formado pela natureza com pouco empenho da arte, que o fórma mais agradavel. Nella se acham pomares de espinho, e entre elles

varias ermidas, sendo a principal a de Nossa Senhora da Soledade, que está em um jardim ornado de figuras e lavores de buxo, a cuja estancia chamam a Genicoca, onde habitou muitos annos o veneravel fr. Antonio da Conceição fazendo vida ermitica.

Para livrar os escrupulos da duvida, de que foi este convento ermida, direi o que achei no seu cartorio, que foi uma petição feita pelo Padre Ministro da Trindade, e mais Religiosos de Lisboa, para se metterem de posse dos bens, que fr. Jorge e fr. Filippe (sem dizerem os sobrenomes) tinham aforado a Antonio Prestes, e a sua mulher Maria Rodrigues, pertencentes á dita ermida, sem licença do Provincial, por escriptura feita no Paço dos Taballiaens de Lisboa no anno de 1538, cuja escriptura tambem vi.

Fonte da Sabuga

Passado o arrabalde de Cintra, no caminho, que vae por fóra da dita Villa para Collares, se acha uma fonte com duas bicas de agua frigidissima, chamada da Sabuga, as quaes cahem em um tanque muito bom, e depois de cheio, a agua que sobra se encaminha para diversas partes: está rodeada de assentos para se tomar o fresco, pois este sitio o circumda a sombra de um arvoredo silvestre, com que corôa a fonte a eminencia de um monte, donde sahe a

agua, e é um dos passeios mais deleitosos, que tem os moradores da dita Villa. Foi mandada fazer de novo, como consta do letreiro, que está no meio da dita fonte, cujas palavras são as seguintes:

ESTA OBRA MANDOU FAZER O SENADO DA CAMERA DESTA VILLA SENDO PRESIDENTE DELLA O DOUTOR MATHIAS FRANCO FERREIRA NO ANNO DE M.DCC.IX.

Palacio real de Cintra

O palacio de Cintra é uma casa real feita pelo senhor rei D. João o I para assistir no tempo do verão: é obra antiga, e hoje se vèem nelle varios quartos de obra moderna: tem varios jogos de agua, muitos tanques, e uma casa, cujas paredes formaõ um chuveiro admiravel. A sala dos Cisnes, e a casa das armas, que o senhor rei D. Manoel mandou fazer, quando reedificou este palacio, são as melhores, que nelle se vêem. Em uma varanda, que está no dito paço, se conserva ainda uma cadeira de azulejo, na qual o senhor rei D. Sebastião, de saudosa memoria, tomou a intempestiva resolução de ir a Africa. Governa este palacio um Almoxarife, tendo seu escrivão de receita, e cinco mil cruzados de consignação para se reedificar. Muito mais podera dizer d'este Palacio e das memorias, que nelle se con-

servam por tradição; mas quero deixar algumas cousas, para os curiosos investigarem, quando o forem ver.

Villa de Cintra

O assento da villa não é dos melhores, posto que seja dos mais antigos: compõe-se todo de altos, e baixos, menos a praça aonde está a Freguezia de São Martinho, que consta de altar-mór e seis capellas, quatro dentro do cruzeiro, que são a de Nossa Senhora do Rozario, São Liborio, Nossa Senhora do Livramento, e Santo André: duas fóra do cruzeiro, que são as de Nossa Senhora da Soledade, e a do Senhor dos Passos. Tem um prior, e cinco beneficiados. Ha tambem nesta praça a casa da Misericordia, que não é pobre. Tem varios chafarizes assim dentro, como nos seus arrabaldes, e muitos tanques todos de excellente agua. Ha tambem Juiz de Fora, Capitão-mór, Sargento-mór e varios Capitaens de Ordenança. Vem a ella todos os annos em correição o Ouvidor de Alemquer. Esta villa é dos dotes das senhoras rainhas de Portugal.

Tem Cintra alem das freguezias de São Martinho, e de São Pedro, de que já acima fallei, Santa Maria, priorado, que apresenta a rainha nossa Senhora, e tem oito beneficiados, que apresenta o prior. Ha tambem

o priorado de São Miguel da data da mesma Senhora, o qual tambem apresenta seis beneficiados. Nesta egreja está enterrado o centurião Lucio Seneca: assim o diz Luiz Marinho de Azevedo no livro 3 das Antiguidades de Portugal, capitulo 20, e lhe traz a inscripção da sua sepultura, que é a seguinte:

L. AELIUS. F. GUL. AELIANUS.
H. S. E.
L. AELIUS. SEX. F. GEL. SENECA.
PATER. H. S. E.
CASSIA. G. F. QUINTILIA. MA
TER. H. S. E.
L. JULIUS. L. F. GAL. JULIANUS
ANN. XX IIII. H. S. E.
AELIA L. J. AMOENA. H. S. E.

Quer dizer
Aqui está sepultado Lucio Elio Eliano, filho de Lucio da Tribu Galeria. Aqui está sepultado Lucio Elio Seneca seu pae, filho de Sexto da Tribu Galeria. Aqui está sepultada Cassia Quintilia sua mãe, filha de Quinto. Aqui está sepultado Lucio Julio Juliano, filho de Lucio da Tribu Galeria, de edade de vinte e quatro annos. Aqui está sepultada Elia Amena filha de Lucio.

E como nesta sepultura não pozeram as letras D. M. S. ou D. M. com que os gentios invocavam os Deozes, suppõe Francisco de Bivar ser a sepultura de Christãos;

porque tambem faltam nelle as letras S. T. T. L. com que deprecavam a terra, que não fosse molesta e pezada a seus defuntos, que queriam ver alliviados por este caminho.

Quinta da Penha Verde

De Cintra se passa a Penha Verde, quinta, que hoje é de Antonio de Saldanha, a qual antigamente constava de umas casas terreas, com sua ermida, invocada Nossa Senhora do Monte, que tinha mandado fazer D. João de Castro, quarto Vice-Rei da India, para nella ser sepultado. Antes de se entrar nesta ermida, que toda está rodeada de muros, para a parte esquerda se diviza um Minotauro, o qual tem menos a cabeça, com este letreiro em uma pedra sobre que está collocado:

HOMO NATUS
DE MULIERE
VIVENS TEM-
PORE REPLETUS
MULTIS MISERIIS.

E mais para diante uma loba de pedra creando tres meninos, com um letreiro gotico em outra pedra, sobre que está posta; defronte da qual está uma pedra preta em um pedestal grande de caracteres syriacos

com sessenta e seis regras, que até agora não sei houvesse quem as decifrasse.

Á porta d'esta ermida estão duas columnas pequenas cada uma a seu lado, em que estão esculpidos os votos, e dizem:

SALVOS IRE
SUSCEPTIS
VOTIS SAL
VOS IRE

SOLUTIS VOTIS
SALVOS REDIRE
SALVOS REDIRE
ANNO M.D.XLIII

Sobre a porta d'esta mesma ermida se acha tambem gravada com letras redondas grandes a seguinte memoria em onze regras, da mesma sorte que aqui as escrevo.

JOANNES CASTRENSIS CUM XX ANNOS IN DURISSIMIS BELLIS IN UTRAQUE MAURITANIA PRO CHRISTI RELIGIONE CONSUMPSISSET, ET IN ILLA CLARISSIMA TUNETIS EXPUGNATIONE INTERFUISSET, ATQUE TANDEM SINUS ARABICI LITORA, ET OMNIS INDIAE ORAS NON MODO LUSTRASSET, SED LITERARUM ETIAM MONIMENTES MANDAVISSET, CHRISTI NUMINE SALUS DOMUM REDIENS VIRGINIS MATRI FANUM EX VOTO DEDICAVIT.

No remate da ermida tem uma pedra preta levantada mais de dois palmos com seu letreiro, redonda, e liza, que foi esmaltada de branco, e nella abertas as seguintes palavras:

CONDITUM
SUB IMPERIO

DIVI OANN. III.
PATRIS PATRIAE

E no terreiro, que fórma a modo de adro, para a parte do poente fica um penedo, e nelle posta uma pedra branca, na qual está debuxada a seguinte inscripção, que consta de nove regras:

MAGNO, ET INVICTO PR-
INCIPI LUDOVICO REGIS
EMMANUELIS FILIO VIRO F
ORTISS. JUSTISS. PATRIAE A-
MANTISS. JOANNES DE CAS-
TRO HUNC COLEM EFI-
GIES SIGNA REGIONUM CO
ELESTIUM, ATQUE TERRES
TRIUM. D.

E defronte da ermida em dois pedestaes feitos de cal, e pedra, se acham duas pedras pretas embutidas, com estas palavras em cada uma d'ellas

OCULIS
QUAM
NARIBUS
MELIOR

VERIS
GRATIA

Na frontaria da mesma porta está uma sepultura de pedra branca, em que está sepultado o coração de Antonio de Saldanha, cuja memoria por agradecimento lhe mandou lavrar Antonio de Andrade no seguinte epi-

tafio, o qual fez Paulo de Carvalho arcipreste da S. Egreja de Lisboa:

Cor sublime, capax, et Olympi montis ad instar
Amplius Orbe ipso, cor brevis urna tegit.
Cor consanguineo, concors, comparque Joanni,
India cui palmas subdita mille dedit.
Cor virtutis amans, cor victima Virginis Almae,
Corque ex corde pium, nobile, forte, valens.
Non pars, sed totus latet hoc Saldanha sepulchro,
In corde est totus, cor quia totus erat.

Junto d'esta campa está uma pedra pequena, que diz o seguinte:

OBIIT ANNO DOMINI M.DCC.XXIII.
AETATIS SUAE LV.
DIE VERO XII. AUGUSTI.

O bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro foi o que reedificou esta nobre quinta, fazendo-lhe o palacio, que hoje tem, e reduzindo-a á fórma em que se conserva, acrescentando-lhe quatro ermidas e varias fontes.

A primeira ermida é a de S. Braz no interior das casas com tribuna para dentro d'ellas, onde se vê posta em uma das suas paredes uma pelle de jacareo, e outra de uma cobra chamada giboia, que as ha nos sertões do Brasil, e são de tão immensa grossura, que engolem um boi. Nella tambem se admira um osso de uma canela de um gigante, o qual a Magestade do Senhor

Rei D. João o v nosso Senhor, que Deus nos conserve, e os Serenissimos Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio se diguaram ver; e por mandado da mesma Magestade, vindo outra vez á mesma quinta, se mandou examinar por Estevão Galhardo, na presença do Fysico-mór, e mais pessoas peritas, e todas concordaram, que era de corpo humano. Tem dous palmos, e meio de comprido, e uma grossura proporcionada ao comprimento.

A segunda ermida mais se lhe póde chamar lapa, pois, verdadeiramente o é: nella está um S. Pedro de marmore, de cinzel delicado, e toda ella é embutida de conchas, com seus lavores primorosos; e é tradição que foi feita por duas creadas do mesmo bispo. Tem defronte da porta uma columna preta de dez palmos com um gallo em cima.

Segue-se uma estancia, que parece foi jardim, pois hoje se acha sem cultura, toda de assentos á roda, e encostados aos muros, que a cercam, varias divisões para flores, tendo no meio uma estatua de Neptuno, feita de jaspe, que lança agua por varias partes.

Ao pé d'este jardim para a parte direita está um pinheiro de cinco pernas, chamado o Pinheiro do Bispo, porque debaixo d'elle vinha rezar, o qual se conserva para lembrança d'este insigne, e virtuoso prelado.

A terceira ermida, que é a de São João, está em um cabeço, que tem a quinta; é

de fórma esferica, e tem um altar de pedraria lavrada primorosamente; pois, sendo em volta para buscar a fabrica da mais architectura, visto á face parece direito. Em o mais alto da capella, que é guarnecida de embrexado, em curioso dibuxo, está a imagem do Santo feita de jaspe sobre uma peanha preta, e suspensa no meio do retabolo. Da parte do Evangelho está a imagem de S. Pedro, feita de barro, esmaltada com vidro de duas côres; e da parte da Epistola tambem está a imagem de S. Paulo fabricada da mesma materia. O frontal é de pedra branca burnida, com almofadas de pedra preta. O mais corpo da capella, do arco para fóra, é todo de azulejos de côres, com os quaes fórma tres paineis, um do nascimento do Santo, outro do bautismo, e o que fica sobre a porta é o da degolação. Tem uma pia de pedra escura, liza, e burnida, com uns veios tão brilhantes, que parecem de ouro, como o lapislasuli. O adro é espaçoso com assentos, e parapeito tudo de pedra lavrada, e tem quasi nove braças de comprido.

Por baixo d'esta ermida, dentro da mata chamada de S. João, está uma gruta entre penedos, fabricada pela natureza, que cabem dentro sentados em o chão dez até doze pessoas, e pelo espesso da mata mostra não ser frequentada ha mais de um seculo.

Remata a quinta outro cabeço chamado o monte das Alviçaras: nelle está fundada

uma ermida com a invocação de Santa Catharina, a qual mandou fazer o dito bispo inquisidor em memoria de D. João de Castro ser armado cavalleiro em Santa Catharina do Monte Sinay: é feita com primor de architectura em oitavo; tem da porta até o altar vinte e nove palmos, e de largo vinte e quatro. Em logar elevado, sobre uma peanha de pedra, se vê suspendida no ar a imagem da Santa. Tem um retabolo de azulejo, em o qual está dibuxada a mesma Santa argumentando com os Hereges. No altar-mór ha um frontal embutido de pedras de varias côres, e no alto das paredes tem duas janellas em correspondencia, que dão luz á ermida: sobre a cimalha da porta está gravado em letra redonda o seguinte letreiro:

DOMNUS ALVARUS DE CASTRO, MAGNI DOMINI JOANNIS ORIENTIS INDIARUM PROREGIS FILIUS AD MONTEM SINAY MILITIAE CINGULO EXORNATUS, SUBJECTIS ROTAE, PRIMO CATHARINAE, GENTILITIIS SUORUM STIGMATIBUS, SACELLUM HOC, GRATAM OB ILLIUS MEMORIAM CONSTRUENDUM CENSUIT. EPISCOPUS DOMNUS FRANCISCUS DE CASTRO, FILIUS EX VOTO POSUIT. ANNO DE M.DC.XXXVIII.

Tem um adro espaçoso com seu parapeito em torno, todo de assentos de pedraria lavrada, e no lado, que olha para a parte do norte, está um penedo de estranha grandeza posto ao alto, e passa de ter trinta palmos o seu comprimento: sobre elle está uma cruz de pedra lavrada em quatro faces de quinze palmos de altura. Em a face do

penedo, que fica para dentro do adro, está um padrão de marmore de exquisito lavor, que tem em quadro quatro palmos e nelle o seguinte letreiro:

DOMNUS JOANNES DE CASTRO INDIAE PRO REX AUGUSTUS, FELIX, PIUS, TRIUMPHATOR, INVICTUS ORIENTIS OPUM AEQUE DOMITOR, AC COMTEMPTOR COLEM HUNC A REGE TANTUM PRO ASIA DEVICTA POSTULATUM VICTRICI CRUCIS LABARO CONSECRANDUM RELIQUIT. EPISCOPTS DOMNUS FRANCISCUS DE CASTRO NEPOS VOTUM SOLVIT ANNO CHRISTI M.DC.XLI.

Tem o adro d'esta ermida em circumferencia dezoito braças. Á entrada da porta, que lhe dá serventia para o lado direito, fica uma escada de pedra, que tem vinte e seis degraus, tendo no fim uma porta, que dá serventia a um caminho, que sahe á estrada publica. Tem cada ermida d'estas cinco mil réis cada anno, em que está dotada, de um juro de duzentos mil réis, que deixou o Bispo, assim para este effeito, como tambem para pagar a ordinaria dos Capuchos, dos quaes é administradora a irmandade da Santa Casa da Misericordia da villa de Cintra.

Tem tres fontes, que a ennobrecem. A primeira é uma gruta primorosamente lavrada, assim de brutesco, como de embrexado; nella se vê uma figura de Venus nua, deitada em uma cama, tudo feito de jaspe, e de obra delicadissima. Por junto d'ella corre uma bica de agua.

A segunda fonte se chama a do Corvo, e

consta de uma casinha toda azulejada de abobeda, sendo esta tambem cuberta de azulejo: está cercada de assentos de pedra lavrada, e no meio da parede tem uma bica por donde sahe a agua.

A terceira fonte chamada da Cruz, é um painel grande de azulejo, com uma cruz em cima, e no meio d'ella uma carranca de leão, por donde lança a agua, que não é em muita abundancia em todas ellas, mas sim a necessaria para a recreação da vista.

Alem das fontes tem a quinta um jardim de buxo com varios lavores, e nichos, aonde estão os retratos de alguns imperadores romanos de pedra marmore de meio corpo, muito polidos, e bem cinzelados, que não só ornam o jardim, mas tambem o fazem magestoso. Tudo o mais que ha na quinta, são ruas de arvoredo silvestre, donde não entra o sol, e faz o sitio não só agradavel pela amenidade, mas sem segundo.

Convento de Santa Cruz da serra de Cintra

Outra maravilha da natureza está situada entre densos matos, altas penhas, e silvestres arvores, que vem a ser o conventinho de Santa Cruz da serra, e tão escondido nella, que se não vê, senão quando a elle se chega. É a sua entrada por entre dois penedos, e se dá em um terreiro, no qual

está um jardim de buxo com sua fonte, e assentos á roda, para descançarem nelles os que vem fatigados de subirem a serra. Tem quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da portaria, e outra da egreja, todas forradas de cortiça, que indicam a sua pobreza. Defronte da porta da egreja tem uma capella muito asseada, e feita ao estylo moderno. Na portaria esta uma vide pendurada, e a ella atado um chocalho, a cujo toque acode o porteiro. Aberta a porta, se offerece á vista um corredor de oito palmos de comprido, e cinco de largo; e por entre penedos se encontra um jardim de murtas, e varias flores, e no mais alto uma ermida, em que está a imagem de nosso Redemptor com a cruz ás costas, e junto a ella o vão de sete palmos, entre dois toscos penedos, que lhe servem de sachristia, obra do cardeal infante D. Henrique, onde habitava de dia, e de noite, quando vinha a este retiro.

Em outro logar do cerca mais levantado se venera a imagem de Christo crucificado entre dois penedos, de que a natureza formou uma asseada ermida. É tambem tradição, que uma pedra, que está junto d'ella, estallára na morte de Christo, no mesmo instante, que espirou na cruz. Vê-se tambem a cova do veneravel fr. Honorio de Santa Maria, em que viveu trinta annos feito exemplar de penitencia. Encontra-se tambem uma meza de pedra junto a uma fonte, em que comia todas as vezes que vinha a

este convento o Serenissimo Senhor Rei D. Sebastião, por gosar da sua agua; esta mesma rega a horta, que é pequena, como tambem a cerca não é muito dilatada.

Não tem clausura interior, excepto um dormitorio com quarenta palmos de comprido e tres de largo; as cellas são tão estreitas, que communmente dormem nellas os religiosos encolhidos, e alguns mandaram abrir buracos na rocha para acomodarem os pés: as portas tem cinco palmos de alto, e palmo e meio de largo; as divisões das paredes sãs vimes tecidos com barro, e palha, forrado tudo de cortiça pegada em grades de madeira tosca. O refeitorio tem quatorze palmos de comprido, e sete de largo, sentam-se os religiosos de ambas as partes, e tem no meio uma pedra, que lhe serve de meza, a qual mandou arrancar o Cardeal Rei, o Senhor D. Henrique, para esse effeito. Está levantada no chão um palmo, e tem doze de comprido, e tres de largo. O religioso, que fica sentado junto á ministra, é o que serve á meza, por não haver capacidade para ser servida de outra sorte. Os guardanapos são de estopa grosseira. e os pucaros por onde bebem, alcatruzes de barro tosco. Guarda-se perpetua abstinencia, porque nelle se não come carne. A mesma pobreza se admira nas mais officinas.

Por sete degraus de dois palmos cada um se desce para o côro, que serve tambem de sachristia; e d'elle para a egreja por entre

uma abertura, que faz a rocha, se desce por seis degraus. A egreja é pequena: da porta até á grade, que divide a capella-mór, tem dezoito palmos, e de largura treze: é de abobada, e as paredes de calhaos que ali produziu a natureza: das grades até ao altar se contam doze palmos, e este era o vão da antiga lapa, a quem a mesma rocha serve de cobertura. O retabolo do altar é de pedra polida, e nelle tem seis nichos de um e outro lado do sacrario. Nelles estão as imagens do Menino Jesus, de São Francisco, de Nossa Seneora do Rozario, de São João Bautista, de Santo Antonio, e a do Evangelista; e em cima do sacrario a de Christo crucificado, feita de marfim. Foi dadiva de D. Rodrigo da Cunha, Bispo do Porto, pela devoção que tinha a esta casa. Com o vaso do Santissimo Sacramento se conserva no sacrario uma cruz de prata sobredourada, e nella uma grande reliquia do Santo Lenho, que trouxe de Roma o padroeiro D. Alvaro de Castro, quando nella esteve por embaixador no pontificado de Pio IV. Na parede da egreja, da parte do Evangelho se acha gravada uma pedra, e nella com grandes caracteres o seguinte letreiro:

DOM ALVARO DE CASTRO, DO CONSELHO DE ESTADO, E VEDOR DA FAZENDA DELREY D. SEBASTIAM, FUNDOU ESTE CONVENTO POR MANDADO DO VICEREY D. JOAM DE CASTRO SEU PAY. ANNO DE M.D.LX.

O padroado é dos successores da sua casa, e me disseram os religiosos do mesmo convento, se gastaram quarenta mil réis em todo aquelle edificio. O numero d'elles não é certo, e tem um guardião, que os governa.

Sahindo do convento para a parte de baixo no Carril, que vae dar ao penedo, em distancia de um tiro de espingarda, se venera uma cruz, que fez com o dedo em uma pedra tosca o veneravel fr. Honorio de Santa Maria, apparecendo-lhe o demonio para impedir o confessar a uma peccadora, com a qual o fez desapparecer; e havendo varios incendios na serra, assim que chegava o fogo a este logar, se extinguia, ficando illezo desde a cruz até á cova da cerca onde habitava.

Mata das Avelans

Indo d'este convento para a Peninha, se caminha por um atalho, subindo um monte, que vae ter á Mata das Avelans, assim a de cima, que está na visinhança do dito convento, como a que está mais affastada junto de Collares, e basta dizer da sua grandeza, que o seu fructo está patente para toda a pessoa, que quer colhel-o, pois se não prohibe a pessoa alguma.

Nossa Senhora do Carmo da Peninha

O sitio da Peninha é uma ermida de Nossa Senhora do Carmo, que está toda no cume de um monte, para onde se sobe por uma escada comprida. Não é muito grande, mas de primorosa architectura, toda azulejada, obra do Irmão Pedro da Conceição, o qual a fez de novo com esmolas, e juntamente uma quinta, que tem annexa, de que está de posse o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, e fez mercê d'ella em sua vida ao Senhor D. Thomaz de Almeida seu sobrinho, e Principal da Santa Egreja de Lisboa. Tem varias casas de romagem, e o sitio fica quasi sobre o mar, donde se vêm espraiar as suas ondas entre as areias, e é a mais aprasivel vista, que póde recrear os olhos; pois batendo as ondas os rochedos, parecem crystaes, que se dividem em pedaços. Em dia sereno é sitio deleitoso; no mais tempo incapaz, e desabrido.

Convento de S. Anna de Gigaroz

Ha tambem um convento de Santa Anna ao pé de Gigaroz de religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, o qual é muito antigo. A sua egreja se acha azulejada de novo, e dentro do cruzeiro tem duas ca-

pellas, a da parte esquerda é a do Santo Christo, e a da direita é de Santa Luzia, e tem um letreiro em uma pedra da parte esquerda, que diz:

CAPELLA DE BRITES VAZ, COM MISSA DE OBRIGAÇAM, CONFORME AO CONTRATO, A QUAL PAGOU, DOTOU, E FABRICOU DA SUA TERÇA, A MAIS FAZENDA HERDOU ESTE MOSTEIRO POR PARTE DE SEU FILHO, O PADRE JACOME DOS SANTOS. FALECEU A VII. DE MAYO DE M.DC.XIV.

A capella-mór é dos ascendentes de Antonio de Mello, e nella estão sepultados dois bispos da sua casa, um da parte direita, e outro da esquerda, em tumulos levantados mettidos nas paredes da dita capella-mór. Tem no claustro um vistoso jardim, e nelle uma ermida de Nossa Senhora da Conceição feita no anno de 1700 toda coberta de pinturas, muitas d'ellas de Roma, e algumas originaes, e são as melhores, que em todos estes sitios vi.

Na portaria está um retrato do fundador d'este convento, que foi o terceiro, que tiveram os religiosos carmelitanos em Portugal, cujas palavras são as seguintes:

O PADRE FREY CONSTANTINO PEREIRA, SOBRINHO DO VENERAVEL CONDE D. FR. NUNO ALVARES PEREIRA VARAM DE ADMIRAVEIS VIRTUDES, PRIMEIRO PRIOR DESTE CONVENTO, E SEU FUNDADOR. FALECEU COM

GRANDE OPINIAM DE SANTIDADE NO ANNO DE M.CCCC.LXIII.

Neste convento assistem dezaseis religiosos, a quem governa o seu prior. As mais particularidades d'elle brevemente as veremos no prelo, escritas pela douta penna do seu chronista o muito reverendo padre mestre doutor fr. Joseph Pereira de Santa Anna no segundo tomo da Chronica da Ordem, donde se achará o tempo da fundação, que foi no anno de 1457, e todos os requisitos, e indagações, com que costuma escrever este douto religioso.

Quinta do Vinagre

A quinta do Vinagre é um retalho da Varge de Collares, onde ha um lago com seu batel, em que cabem doze pessoas, e é um dos divertimentos melhores, que tem Jeronymo Bularte Dique. As casas, que nella tem, são nobilissimas, com uma varanda coberta, a qual sustentam dezenove columnas de pedra, e um tanque muito bom, que faz o pateo vistoso. Nella se vê tambem um jardim de murtas com um chafariz no meio, e uma casinha de embrexado. O resto da quinta é todo de pomares de frutas deliciosas com abundancia de agua.

Varge de Collares

A Varge de Collares é uma das cousas mais vistosas, que tem Portugal, pois se estende meia legua, toda de pomares abertos de fructas de caroço, com que sustenta os moradores de Lisboa, pois em todo o anno sahe d'ella grande abundancia para a dita cidade. Acham-se nogueiras entre estes pomares de tal grandeza, que houve quem arrendou o fructo de uma por doze mil réis em um anno. Sendo toda a Varge sombria, e deleitosa, nada eguala o chamado Nogueiral, pela sua frescura, donde se acha uma preza, em que se ajuntam as aguas, com que se regam os pomares, que estão abertos, e cada um nelles come a fructa que quer, sem que o dono lh'o prohiba. Tem seu almoxarife, que nos dias da semana reparte as aguas, com que se evitam contendas. Do meio d'ella sahe o rio das Maçans, tão celebre, que mettendo-se pelo mar dentro, leva parte dos seus fructos quinze, e vinte leguas fóra da barra, donde os topam os navios, que navegam pelo mar. Por mais, que dissera d'este frondoso, e fructifero sitio, nunca o louvara: deixo para os estrangeiros o engrandecel-o, já que a natureza formou nelle, sem artificios da arte, um milagre da natureza.

Quinta da Piedade

A Piedáde é uma quinta do Illustrissimo, e Excellentissimo Duque do Cadaval, donde está uma ermida de Nossa Senhora invocada com o mesmo titulo, muito milagrosa, a qual deu nome á quinta, que é frequentada de todas as pessoas d'estas circumvisinhanças, e se tem nella feito varias festas, e se continuam todos os annos, mas não com a grandeza, com que antigamente se faziam, pois as houveram taes, que se dignou a Magestade do Senhor Rei D. João o v que Deus nos conserve, e toda a Familia Real de as honrarem com a sua assistencia, nas que se celebraram na dita quinta em os dias 10, 11 e 12 de setembro de 1720. Tem um lago ao pé da ermida, que tem cento e vinte seis palmos de comprido, e quarenta de largo. Não pude saber o anno, em que foi erigida, pois não houve no dito sitio quem certamente o soubesse.

O Fojo

O Fojo é uma gruta, habitação de gralhas, feita pelo mar em uma rocha viva, que sahe a um monte, obra da natureza, que faz admiração a quem a pondera, assim no monte donde está, sem parapeito algum, como vista da praia quando vaza a maré.

Pedra de Alvidrar

A Pedra de Alvidrar fica junto do Fojo, no fim do monte, e é toda escabroza em declive até o mar, de uma altura immensa, que foge o lume dos olhos, quando se olha para baixo. Ha homens tão barbaros, que descem, e sobem por ella descalços, que parece impossivel, por um pequeno premio; e quando os passageiros se encaminham para aquelle logar, é a primeira cousa, com que os convidam. Se não visse tal temeridade, não lhe daria credito.

Nossa Senhora da Conceição da Ulgueira

A Ulgueira é uma ermida de Nossa Senhora da Conceição com casas de romagem, e fica em um alto, com boa vista de mar, e uma quinta, que pertence á mesma ermida, donde assiste um ermitão todo o anno: é sitio celebre pelas festas, que os annos passados nella se fizeram, cuja devoção se tem esfriado.

Convento de N. Senhora da Saude de Penha Longa

Tenho dicto succintamente o que ha que

ver na Serra de Cintra, deixando de descrever a villa de Collares, por ser cousa, que pouca gente não tenha examinado; só me resta para concluir esta relação falar do convento de Penha Longa primeira fundação, que tiveram os monges Jeronomianos neste reino de Portugal, construido pelo serenissimo senhor rei D. João o I nas faldas da serra para a parte do sul.

A invocação d'este convento antigamente foi de Nossa Senhora da Victoria, a qual mudou o nome por causa da peste, que houve em Portugal, procedida de umas naos, que vieram da India; e como a gente ferida do mesmo mal fugisse para o campo, chegando a este logar ficou livre, e sã, por cujo motivo denominaram a Senhora com o titulo da saude, e lhe fizeram votos de virem de varios logares todos os annos visital-a. Como isto désse algum discommodo aos moradores de Lisboa, lhe erigiram a egreja de Nossa Senhora da Saude, edificada na mesma cidade, para que visitando-a, ficasse cumprido o seu voto; porém, com a condição de se repartirem as esmolas, que iam áquella casa, sendo ametade para os monges de Penha Longa, e outra ametade para a dita egreja, cuja regalia deixaram perder os monges do dito mosteiro.

O convento, e as hospedarias com casa real foram mandadas fazer pelo serenissimo senhor rei D. João o I; o refeitorio, e o noviciado que hoje existe, são obras do car-

deal rei o senhor D. Henrique, o qual tambem reedificou as hospedarias. As obras novas, que constam de dous tanques, e dous chafarizes de manga, com uma ermida de Nossa Senhora da Annunciação, foi tambem obra do dito senhor cardeal rei. O dormitorio, da sorte que hoje se conserva, tambem foi reedificado pelo augustissimo senhor rei D. João o III.

Tem dous claustros, o primeiro ao pé da sacristia, com um chafariz no meio, donde se executam todos os annos suas comedias, para ver o povo, no dia 15 de agosto, em que se festeja a Senhora.

Tem o segundo claustro muito maior que o primeiro, e nelle um lago, donde anda um batel; tendo na sua circumferencia tres fontes de agua copiosas; e d'ellas se encaminham para a casa do lavatorio, donde se lavam os habitos, que consta de um tanque com seis bicas de agua, e com outras tantas pias. Neste claustro donde está o lago, ficam as janellas do dormitorio, e nelle estão varias officinas do convento.

Nelle mesmo tem uma porta, que vae para um jardim chamado Balfage, e consta de um chafariz, um tanque, e uma lapa por onde corre a agua por um despenhadeiro. Tem outra fonte, a que chamam o Moysés, com sua gruta de embrexado, e nelle uma cascata por onde se despenha a agua.

Na cerca tem uma ermida de S. Jeronymo toda azulejada, e de boa fabrica. No

dito logar ha outro sitio chamado o Nuncio, donde se vêem nove fontes de agua, e uma ermida de S. João Baptista: este ultimo logar está muito damnificado, sendo a cousa mais nobre, que o convento em si tinha.

A cerca é dilatada com muitos pomares de fructa de espinho, vinhas, e matas. Tenho dito do convento o que succintamente vi, só me falta dizer, que na segunda oitava do Espirito Santo vem a elle em romaria o Emperador de Alcabedeche, logar afastado meia legua de Cascaes, donde tambem se elege um Emperador, assim como na dita villa, e neste dia ha um numeroso concurso neste sitio.

A capella-mór é dos marquezes de Cascaes, como consta dos tumulos, que nella estão. Nelles se acham depositadas nove pessoas d'esta illustre familia.

Este convento de Penha Longa tem bastantes religiosos com seu prior, que os governa, e é quatro leguas fóra de Lisboa. Quem lhe deu principio foi fr. Vasco Martins no anno de 1355, com alguns eremitas, que na sua companhia vieram de Italia, e acabou-se a sua fundação por el-rei D. João o I no anno de 1400.

Isto é o que posso escrever do que tenho visto neste sitio, não faltarão curiosos, que com mais douta penna emendem os erros da minha, que por mal aparada não espera applausos d'este pequeno trabalho.